

Flávia:

A escravidão está intimamente relacionada à história da humanidade.

O trabalho escravo é uma prática que permeia a história mundial. Sua origem está relacionada às guerras e conquistas de territórios, onde os povos vencidos eram submetidos ao trabalho forçado pelos conquistadores. Pelo que se sabe, os primórdios da escravidão vêm do Oriente Médio (Antigo Oriente), mas povos nas Américas como os maias também se serviram de cativos. Tal atividade fez parte de todas as civilizações da antiguidade como os assírios, hebreus, babilônios, egípcios, gregos e romanos, variando as suas características dependendo do contexto de cada lugar. O último local a abolir a escravidão oficialmente no mundo foi a Mauritânia, tornando a prática ilegal apenas em 1981, mas ainda persistiu em alguns países do mundo de forma mais velada. A escravidão não se limitava à captura de negros ou indígenas. Crianças loiras de olhos azuis também podiam ser vendidas como escravas e obrigadas a trabalhar sob a ameaça de espancamentos. No caso da rica Suíça, a prática se estendeu entre os séculos XIX e XX. As “Verdingkinders” (em português: crianças sob contrato) eram crianças tiradas de famílias pobres e de mães solteiras pelas autoridades, sob o pretexto de que elas não teriam condições de sobrevivência. Depois, os meninos e meninas

eram vendidos a fazendeiros e fábricas, onde estariam condenados ao trabalho forçado. Não fosse o bastante, a maioria dessas crianças também sofria com espancamentos e abusos sexuais constantes. Isso foi uma realidade comum pelo menos até a década de 50.

<https://www.geledes.org.br/os-escravos-loiros-de-olhos-azuis-da-europa/>

A escravidão é uma prática dolorosa, infame, que já deveria ter sido abolida mas que ainda ocorre de forma informal em várias partes do mundo. Mas a escravidão é apenas uma dentre muitas outras atrocidades que os humanos cometem com os outros seres que repartem com eles o mesmo território, sejam esses outros seres, homens, plantas ou animais.. De fato, os negros africanos foram escravizados, assim como os egípcios, os cristãos, os finlandeses, os suíços, etc....Reviver esse flagelo, assumir que apenas os negros tiveram que se submeter a tal castigo, escarafunchar o passado, apontar dedos acusatórios aos brancos, quer sejam estes descendentes dos senhores de engenho ou imigrantes, que muitas vezes também foram estigmatizados pela elite dominante, não resolverá o assunto, apenas aumentará o fosso que separa as raças no Brasil, criando uma nova onda de hostilidades, de ressentimento de ambos os lados, cargas de rancor que podem explodir, em nível individual ou coletivo em uma

época em que os perigos que ameaçam a mera sobrevivência do ser humano no planeta terra exigem que as pessoas se unam. Nunca o futuro da raça humana esteve tão ameaçado de extinção, seja pela corrida armamentista, seja pela superpopulação, pelo esgotamento de recursos naturais ou pela mudança climática. Vivemos em uma época em que a união entre os povos, entre as raças e religiões não é apenas desejável, mas imprescindível se quisermos sobreviver a este século.

Livros do estilo de Doramar e a Odisseia, não têm por objetivo provocar um aprofundamento das relações entre as diferentes etnias, adensar a união entre os brasileiros de modo que encaremos o futuro de mãos dadas fortalecidos por uma amizade, por um sentimento profundo de entendimento, de similaridade de propósitos, de amizade. Em seu livro o autor mais uma vez reivindica para a raça negra o papel de única vítima de racismo e de perseguições baseados na cor da pele o que não é verdade. Citando o Brasil como o exemplo os indivíduos da raça “amarela”, chineses e japoneses também foram estigmatizados no início do século XX chegando ao cúmulo de serem caçados literalmente

Leiam o texto abaixo: “Em um recorte, no mínimo, assustador da nossa história, chineses, que foram trazidos ao Brasil para trabalhar e não se adaptaram às condições

locais, passaram a ser vistos como animais e viraram, literalmente, alvos de caça. Parece surreal, mas aconteceu em nossa cidade. Nos idos de 1812, Dom João VI promoveu a chegada de quase quatrocentos chineses para o Rio de Janeiro para as regiões dos bairros de Santa Cruz e do Jardim Botânico. A ideia era que eles trabalhassem em plantações de chá no Jardim Botânico e na Fazenda Imperial, que ficava em Santa Cruz. No entanto, as colônias formadas em torno dos trabalhadores não duraram muito tempo. Com dificuldade de adaptação e sofrendo com as doenças tropicais, o número de chineses foi reduzindo rapidamente. Havia, ainda, a pressão da imprensa, de setores da Família Real e dos fazendeiros e comerciantes contra os asiáticos. Em pouco tempo, os poucos que restaram passaram a trabalhar como escravos. Até que a situação, que já era terrível, piorou ainda mais. De acordo com o jornalista e historiador Eduardo Bueno em seu livro “Brasil: Uma história”, um parlamentar inglês denunciou que o príncipe Dom Miguel liderava uma turba na caça de chineses no Rio de Janeiro. Eles saíam com cavalos, cães e armas. Os relatos dizem que Dom Miguel se divertia nessas perseguições aos chineses, que eram vistos como animais a serem mortos. Ainda segundo as informações históricas, Dom Miguel teria capturado pessoalmente dois asiáticos. Em 1834, a filha de D. Pedro I banuiu D. Miguel de Portugal,

através da “Lei do Banimento”.

<https://diariodorio.com/historia-chineses-ja-foram-cacados-como-animais-no-rio-de-janeiro/>

Na minha opinião o tipo de literatura apresentada pelo autor do Doramar e a Odisseia nada acrescenta de novo, apenas reforça ou tenta reforçar o sentimento de vítima que os negros insistem em manter de modo a agregar valor à sua comunidade.

d